

MARCADORES CONVERSACIONAIS NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Paulo de Tarso Galembeck (UNESP/UEL)

Luciane Rampazo Blanco (UNESP)

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o papel exercido pelos marcadores conversacionais na estruturação do discurso falado culto (linguagem jornalística falada). Para tanto, verifica-se a presença desses elementos nas três posições do turno conversacional (inicial, medial, final) e a função por eles exercida em cada uma dessas posições.

A exposição inicia-se pela conceituação e caracterização dos marcadores conversacionais e, a seguir, é feita a discussão do papel que eles exercem nas três posições citadas. O corpus deste trabalho é constituído por dois programas da série “Roda Viva” (entrevistas com o senador Pedro Simon – RV-1 e com a filósofa e professora universitária Marilena Chauí – RV-2) e por duas edições do programa “Brasil pensa” (debates a respeito de variação climática – BP-1 e de segurança global – BP-2). Esses programas perfazem aproximadamente, duzentos e quarenta minutos (quatro horas) de duração efetiva e, em que pese a presença do mediador, há neles uma interação real entre os participantes, caracterizada sobretudo pela alternância nos papéis de falante e ouvinte. Além disso, também se verifica que os participantes procuram interagir com os interlocutores.

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS (MCS)

A língua falada tem três características básicas:

- a) ausência de uma etapa nítida de planejamento;
- b) a existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores;
- c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação.

Essas três características tornam essencial, para a construção do texto conversacional, a presença de certos elementos que têm por função:

- d) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores;

e) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles;

f) articular e estruturar as unidades da cadeia lingüística.

Esses elementos são os marcadores conversacionais, que Urbano (1993: 85) define como unidades típicas da fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto. O mesmo autor assinala que os marcadores “ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático” (Urbano, 1993: 85-86).

Marcuschi (1989: 282) salienta que os MCs têm um caráter multifuncional, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989: 273-274), que admite que todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções faz com que existam dois tipos de marcadores: os interacionais (ou interpessoais) e os ideacionais (ou coesivos).

Quanto à posição no turno, os marcadores classificam-se em:

- Iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.
- Mediais: né?, sabe?, entende?, digamos, advérbios, conjunções, alongamentos¹, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.
- Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusiva, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

¹ Nas transcrições do Projeto NURC, o alongamento de vogais e consoantes é indicado pelo sinal::. Exs. ca::da, mas::.

A posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs, característica que – como se viu – foi salientada por dois autores já citados neste texto: Marcuschi (op. cit.) e Castilho (op. cit.).

MARCADORES INICIAIS DE TURNO

Os MCs empregados em posição inicial de turno distribuem-se nas duas classes já citadas na seção anterior deste trabalho: marcadores de valor interacional ou interpessoal (ligados à construção e festão do ato conversacional) e marcadores de valor ideacional (elementos de coesão entre as partes do texto).

Marcadores iniciais de função interacional

Estes marcadores exercem três funções principais: assinalam a tomada de turno; envolvem o ouvinte; prefaciam opiniões.

MCs de tomada de turno

De modo geral, os MCs iniciais têm por função assimilar a tomada de turno, mas em alguns deles essa é a função mais nítida, se não mesmo exclusiva. Trata-se dos marcadores éh, oh, ah, bom pois é, bem:

- (01) **Med:**² bem estamos de volta com Roda-viva hoje entrevistando... o senador Pedro Simon (RV-1).
- (02) **Deb:** ah... antes pegando um gancho aqui do nosso embaixador... eu diria que o Brasil não pode ter pretensões hegemônicas (BP-2).

Entre os marcadores de início de turnos, merece ser salientados os que indicam concordância ou discordância:

- (03) **Eb:** não... eu não creio que:: a cobrança de mensalidades... resolva... os problemas da universidade... (RV-2).
- (04) **Deb:** sim... é verdade... mas o fórum... privilegiado para a discussão... dos

² As abreviaturas que figuram nos exemplos têm o seguinte significado:

Deb: debatedor

En: entrevistador

Et: entrevistado

Med: mediador

Havendo mais de um debatedor, indica-se Deb¹, Deb².

grandes temas... mundiais... éh::... continua sendo:: a ONU (BP-2).

No ex. 03, o marcador não indica discordância: com ele a entrevistada inicia a objeção às palavras de um dos entrevistadores. Já no ex. 04, o marcador complexo sim... é verdade indica assentimento e concordância.

MCs de envolvimento do ouvinte

São as expressões olha, veja, you vê, you acha, então você quer dizer o quê?, as quais funcionam como sinais de tomada de turno e chamam a atenção do ouvinte para o que vai ser discutido ou exposto:

(05) En: o senhor acredita no Fernando Henrique?

Et: olha eu não sei se eu acredito... se eu rezo... (como o senhor quer)... mas eu acho que o Fernando Henrique... não pode deixar de lado o social (RV-1)

(06) (Os debatedores discutem o papel dos Estados Unidos na Guerra do Golfo).

Deb: agora veja bem... eles [os Estados Unidos] não puderam intervir... sozinhos... por uma razão muito simples... é porque... têm mais quatro que têm poder... no Conselho de segurança (BP-2)

Nos exemplos anteriores, os marcadores cumprem duas funções: introduzem o turno e induzem os ouvintes a prestar atenção no que vai ser dito.

Marcadores de opinião

O turno pode ser introduzido por certos prefaciadores de opinião: eu acho (que), creio (que), eu gostaria de saber, eu sei, me parece que, eu tenho a impressão, acredito que:

(07) (Os debatedores comentam a supremacia dos Estados Unidos).

Deb: eu acho que::... nós temos que considerar a hipótese de que os Estados Unidos estejam caminhando para um novo Auge... (BP-2).

O marcador assinalado no exemplo anterior (eu acho que) indica que não há certeza plena e, assim, atenua a força ilocutória das asserções. Ao empregá-lo, o falante sinaliza que não assume integralmente o que vai ser dito e previne-se de possíveis reações desfavoráveis do seu interlocutor. Assinale-se também que esses marcadores são empregados com o valor modal

de dúvida ou incerteza,³ motivo pelo qual eles são pouco frequentes no corpus. Com efeitos, os participantes dos programas evitam manifestar os citados valor modais, para não demonstrarem insegurança ou falta de conhecimento. Por esse mesmo motivo, são mais frequentes no corpus os MCs iniciais acredito que, creio que e assemelhados, que constituem marcas explícitas de certeza e indicam que o falante assume a opinião emitida:

(08) Et: eu acredito que o Weffort poderia ter sido um excelente Ministro do Trabalho... porque... esse é um assunto que ele entende... agora:: ahn:: eu acho uma tristeza a figura do do Weffort... como Ministro da Cultura (RV-2).

(09) (Os debatedores comentam a influência do fenômeno El Niño).

Deb: eu acredito que... existe uma influência sim... dependendo da região do Brasil em que a gente esteja comentando... mas a influência na agricultura de modo geral ela é muito pequena (BP-1).

MCs iniciais de valor ideacional

São representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, então, além disso, agora, aliás), que funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação e, ademais, dão continuidade ao tópico em andamento ou introduzem um novo tópico. Cabe acrescentar que, neste trabalho, entende-se por tópico “aquilo a respeito de que se está falando” (Brown e Yule, 1983: 73).

No caso dos MCs que atuam com sequenciadores tópicos, pode-se verificar que a continuidade tópica não ocorre em termos estritos, com a retomada do mesmo referente. Ao contrário, nota-se mais frequentemente que o assunto é retomado em termos mais abrangentes, caracterizando o que Keenan e Schieffelin (1976: 340 e ss) denominam tópico discursivo incorporativo. Segundo esses autores, essa forma de continuidade tópica é caracterizada por retomar não o assunto em si, mas as pressuposições e inferências que podem ser extraídas dos enunciados anteriores:

(10) Deb¹: a França é uma potência normal.

Deb²: mas tem o poder de veto... tem o poder de veto (BP-2).

(11) Et: (...) o poder... e a atividade intelectual não são coisas compatíveis.

En: então não sendo... eu queria saber em que medida o... então eu queria sa-

³ O conceito de “hedge” tem sido estabelecido de forma diferenciada pelos diversos autores consultados. Neste trabalho, adota-se a definição proposta por Brown e Levinson (1978), segundo os quais “hedges” são marcadores que, de qualquer modo, modificam o valor ilocutório de um enunciado.

ber em que medida o Fernando Henrique como presidente é um mau intelectual... e como intelectual é um mau presidente (RV-2)

Nos dois exemplos, os marcadores mas e então introduzem os turnos em que os informantes dão continuidade ao tópico em andamento, mas o fazem sem se prender (em termos estritos) ao que foi dito pelo seu parceiro conversacional.

No Ex.: 10 Deb² introduz um novo dado, o fato de a França possuir o poder de veto; no ex. 11, o entrevistador introduz um exemplo específico de intelectual no poder.

Em outros exemplos, verifica-se que os MCs de valor ??? introduzem um outro tópico conversacional:

(12) (Os participantes discutem a supremacia dos Estados Unidos).

Deb¹: (...) tudo isso faz pensar... que devemos considerar a hipótese... a de que os Estados Unidos estejam caminhando para um novo auge.

Deb²: agora isso não quer dizer que tenham a capacidade de intervenção... ilimitada (BP-2)

Deb¹ comenta o fato de os Estados Unidos estarem atingindo um novo auge, mas D2 introduz um novo tópico que será desenvolvido pelos debatedores: a capacidade de intervenção americana.

MARCADORES MEDIAIS DE TURNO

A exemplo dos que figuram em posição inicial de turno, os marcadores mediais subcategorizam-se em MCs de função predominante interacional e MCs de função predominantemente ideacional ou coesiva.

MCs de função interacional

Os marcadores incluídos nesta classe distribuem-se por vários subtipos, de acordo com a função mais evidente que eles exercem:

MCs interacional de envolvimento do ouvinte

São representados pelas expressões veja, você veja, olha, você sabe, você repara, você imagina, você pode ver e outras locuções assemelhadas, usadas para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio.

(13) Deb: o El Niño é totalmente diferente eu vou tentar em breves palavras o que é o El Niño... vejam bem... o El Niño existe há milhares de anos... ou

muito mais (BP-1).

- (14) Deb: **é... essa variabilidade do clima associada a El Niño ou ao efeito do Atlântico que mais cá/tempo um pouco mais longo... da ordem da década né?... ah:: leva uma... você pode ver você pode considerar essa questão de de do... que vai acontecer no futuro com... uma mudança climática associada ao efeito estufa né? (...) (BP-1).**

As expressões você vê e você pode ver são empregadas com valor fático, quer dizer, constituem recursos para que o falante possa envolver o ouvinte na exposição dos argumentos, conduzindo-o à aceitação das ideias expostas.

Os marcadores do tipo né?, sabe?, certo?, entende? (como entonação ascendente), e a perguntas retóricas (como a que figura no ex. 09) tem também valor fático, mas estão relacionados com a busca de aprovação discursiva no contexto da argumentação e interação; por meio deles; confirma-se o papel de locutor do falante que detém a palavra (Settkorn, 1977:197):

No exemplo anterior, os informantes discutem assuntos que podem gerar polêmicas (El Niño, efeito-estufa) e, assim, procuram estar seguros de que o ouvinte está disposto a entender ou receber a mensagem, garantindo que os canais de comunicação possam permanecer desimpedidos. Nesse sentido, é útil lembrar que Keller (1979, 220) chama aos marcadores em questão “sinais de controle da comunicação”.

Uma função subsidiária dos MCs interacionais de envolvimento do ouvinte (especialmente os sinais do tipo, né?, sabe?) é reforçar a opinião do próprio locutor.

MCs de sustentação do turno

No texto falado não há uma etapa de planejamento ou, mais exatamente, trata-se de uma modalidade de texto planejado localmente; nele o planejamento co-ocorre com a execução. Por isso mesmo, é natural que nele sejam freqüentes os silêncios, denotações de hesitação ou dificuldade na construção da frase e do texto. O problema é que o silêncio (pausas não-preenchidas) torna particularmente vulnerável a posição do locutor, pois permite que o turno venha a ser ocupado pelo outro interlocutor. Por causa disso, o falante procura preencher as pausas, com o emprego de certos marcadores não-lexicalizados (ahn, uhn, eh, ah) e de alongamentos (certo::, ahn::):

- (15) o Oriente Médio é ah ah:: é sem dúvida o ponto crítico digamos assim da ordem internacional certo::... é o ponto onde se concentram... questões de ordem religiosa de ordem política de ordem econômica (BP-2).

Os dois recursos mencionados (os sinais de hesitação e o alongamento) podem vir combinados, como se pôde verificar no exemplo anterior. Cabe acrescentar que outras marcas de hesitação, como as repetições, truncamentos, silabações, não serão consideradas neste trabalho, por não constituírem marcadores conversacionais.

Dentre os marcadores conversacionais de sustentação de turno, merecem ser citados à parte aqueles que, além da sustentação de turno, indicam explicitamente uma atividade de planejamento verbal. É o caso de certos verbos de elocução ou de atividade mental (digamos, vamos dizer, sei lá, vejamos, quer dizer) e outras expressões (assim, bom, tudo bem, então). Um exemplo desses marcadores figura no ex.15; veja-se outro exemplo.

- (16) Méd: o ex-ministro Mendonça de Barros foi julgado pelas palavras... proferidas nas gravações... ou por seus atos... quer dizer... enfim... a causa da renúncia foi por motivos políticos ou motivos morais? (RV-1).

Rosa (1992:49) denomina os MCs em questão “hedges indicadores de atividades cognitivas” (3). Segundo a citada autora, esses “hedges” indicam atividades de planejamento verbal e, assim, modificam o caráter impositivo desses enunciados.

MCs de manifestação de opiniões

São representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução. A exemplo dos marcadores iniciais de mesma função, estes marcadores podem dividir-se em dois grupos: aqueles que indicam o que o locutor assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos (creio que, acredito que, tenho certeza que) e aqueles por meio dos quais o locutor manifesta falta de certeza ou convicção. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (17) Et: o que eu quer dizer... é que eu não sei se ele [Mendonça de Barros] tem alguma coisa com o Arida ou se não tem... não sei de nada... acho que não tem... não não não não tenho conhecimento sobre essas coisas (RV-1).

Os MCs não sei se e acho que indicam dúvida e incerteza e mostram que o entrevistado não assume inteira responsabilidade pela opinião emitida. Note-se que o efeito de imprecisão é reforçado pelas expressões que seguem os marcadores (se ele tem... se não tem; não tenho conhecimento sobre essas coisas).

O efeito oposto, ou seja, a manifestação de que o falante está seguro de suas opiniões é obtido com o emprego dos marcadores eu acredito, eu es-

tou certo e assemelhados. Veja-se o exemplo a seguir, que representa a sequência do ex.17:

- (18) (...) A **AÇÃO QUE ELE** (Mendonça de Barros) FEZ... com a direção do Banco do Brasil... eu tenho a certeza que eu... eu demitia... eu fui governador do Rio Grande do Sul... em... casos semelhantes... demiti pessoas... por questões de... iguais a essa... aliás muito inferior a essa (RV-1).

Os MCs de opinião, na maioria dos casos, encabeçam o enunciado e, por isso, são igualmente conhecidos como prefaciadores de opinião. Esses MCs são geralmente representados por verbos na primeira pessoa do singular, ou seja, neles há marcas explícitas de enunciação. Os casos em que essas marcas não existem (casos de indeterminação do sujeito: dizem que, e de oração sem sujeito: parece que) são pouco frequentes no corpus e, assim, não serão considerados neste trabalho.

Marcadores mediais de função ideacional

Esses marcadores, representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, agora, porque, então, depois, além disso), que são os responsáveis pela estruturação das unidades que compõem o diálogo. Esses Mcs têm, pois, função coesiva:

- (19) (Um telespectador questiona o entrevistado acerca da divulgação de informações obtidas de fontes confidenciais).

Et: eu com toda sinceridade... não vejo responsabilidade nenhuma... principalmente quando dizem até que a fonte de informação tenha partido do próprio palácio... porque até a imprensa recebeu... e publicou... isso em qualquer lugar do mundo acontece isso (RV-1).

- (20) **Deb:** (...) o El Niño afeta o Nordeste... mas não é tão importante agricolamente... mas não é tão importante agricolamente... mas agri/sob o ponto de vista da agricultura nós temos que lembrar o seguinte (...) (BP-1).

Os Mcs ideacionais dos exemplos anteriores exercem a função coesiva no plano do discurso: porque introduz a justificativa entrevistado acerca da divulgação de informações, e mas introduz um novo subtópico (a influência do El Niño na agricultura).

MARCADORES FINAIS DE TURNO

Os MCs finais de turno têm valor unicamente interacional e cumprem duas funções, ambas relacionadas com a troca de falantes: indicam a entrega explícita do turno a outro interlocutor (passagem requerida) ou simplesmente sinalizam o fim do turno (passagem consentida). A distinção en-

tre essas duas formas de passagem foi estabelecida por Galembeck, Silva e Rosa (1990:75 e ss).

Os marcadores de passagem requerida são representados por uma pergunta direta e por certos marcadores que testam a atenção do ouvinte (né? Não é?, certo?, entende?), proferidos, na maior parte das ocorrências, com entoação ascendente (4). Esses marcadores sinalizam que a participação de outro interlocutor é explicitamente solicitada:

(21) Méd: os efeitos [do El Niño] são muito diferentes né? (BP-1).

(22) En: a senhora conseguiu ser... uma intelectual no poder?

Et: de jeito nenhum... e nem pretende (...) (RV-2).

Na seção 3.1.1 deste trabalho (“Marcadores interacionais de envolvimento do ouvinte”), já foi apontado que os MCs do tipo né? Sabe?, entende?, em posição medial, podem ter a função subsidiária de marcar a opinião do próprio locutor. Em certos casos, o falante os emprega e continua a desenvolver suas idéias, sem se preocupar em passar o turno.

A passagem consentida é assinalada, na maioria das vezes, pelo final de uma frase declarativa (entoação descendente). Esse final de frase pro vezes é seguido por uma pausa conclusa, a qual constitui uma marca de final de frase (Câmara Jr., 1974: 302):

(23) Et: (...) não votei no Quércia pra Presidente da República... porque ele tem... até hoje não foi condenado nem absolvido... (RV-1).

Acrescente-se que as pausas no final do turno são pouco freqüentes no corpus, já os participantes revelam a preocupação de não deixarem espaços “em branco”.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

O exame dos marcadores conversacionais do *corpus* revela que os marcadores em diferentes posições podem exercer funções iguais ou semelhantes: é o caso dos marcadores de valor coesivo (iniciais e mediais) e dos responsáveis pelo envolvimento do ouvinte (iniciais, mediais e finais).

Fica claro, ademais, que se trata de elementos essenciais para o desenvolvimento do texto falado, pois são eles os indicadores de início de turno, de passagem e sustentação do mesmo e de articulação entre os diferentes segmentos tópicos ou temáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, G. e YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge : Cambridge U. Press, 1983.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language use*. 2 ed. Cambridge : Cambridge U. Press, 1987.
- CÂMARA Jr., J. M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6 ed. Rio de Janeiro : J. Ozon, 1974.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In CASTILHO, A T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989, p. 249-279.
- e PRETI, D. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo. V.II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo : T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.
- GALEMBECK, P. T., SILVA, L. A. e ROSA, M. M. (1990) “O turno conversacional”. In: PRETI, D. e URBANO, H. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. V. IV – Estudos. São Paulo : T. A. Queiroz/FAPESP, 1990, p. 49-98.
- KELLER, E. Gambits: conversational strategy signals. *Journal of Pragmatics*, 1979, vol. 3, p. 219-238.
- MARCUSHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. In CASTILHO, A T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas : UNICAMP, 1989, p. 281-322.
- ROSA, M. M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo : Contexto, 1992.
- SETTEKORN, E. Pragmatique et rhétorique discursive. *Journal of Pragmatics*, 1977, vol. 1, p. 195-210.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais In PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo : FFLCHUSP, 1993, p.81-101.